

NARRAR A VIDA DAS MULHERES VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO: O MEMORIAL PRODUZIDO PELO LESFEM

Julia Borchardt¹

Adriana Barin de Azevedo²

Resumo: O memorial de vítimas de feminicídio no Paraná do Laboratório de Estudos de Femicídio (LESFEM) publica de maneira online textos que relatam o modo de vida das mulheres vítimas de feminicídio. Em diálogo com as discussões da psicóloga belga Vinciane Despret, propomos uma compreensão de como o modo de escrita dos textos do memorial pode ser entendido enquanto uma escrita narrativa, que contempla a relação existente entre os vivos e as mulheres mortas e oferece uma continuidade de existência à essas mulheres.

Palavras-chave: feminicídio; narrativa; memorial.

1. Introdução

De acordo com o Laboratório de Estudos de feminicídio (LESFEM) 4.145 mulheres foram vítimas de feminicídio³ tentado ou consumado no Brasil em 2024⁴. Esse dado significativo nos alerta para a urgência de estudarmos o feminicídio e qualquer tipo de violência de gênero⁵, criando estratégias de combate às violências e maneiras de fazer com que as mulheres vítimas de feminicídio não sejam esquecidas.

O Memorial de vítimas de feminicídio do Paraná do LESFEM se apresenta enquanto uma medida de combate à violência de gênero e de não deixar que essas mulheres sejam transformadas em estatísticas ou esquecidas.

Propomos apresentar um recorte da pesquisa de mestrado em andamento em relação aos estudos e compreensão do Memorial de vítimas de feminicídio do Paraná do LESFEM da Universidade Estadual de Londrina (UEL) em diálogo com os estudos

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - juliaborchardtpsi@gmail.com.

² Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - adribarin@gmail.com.

³ Nossa compreensão do que é feminicídio é perpassada pelas discussões apresentadas pelas autoras e feministas latino-americanas. Lagarde (2018, p.216, tradução nossa) define que “Femicídio é o genocídio contra mulheres e ocorre quando as condições históricas geram práticas sociais que permitem atentados violentos contra a integridade, a saúde, as liberdades e a vida de meninas e mulheres.”

⁴ LESFEM, 2024a.

⁵ É comum o uso da expressão “violência contra a mulher” para se referir aos atos violentos direcionados às mulheres. No entanto, nós optamos por utilizar a expressão “violência de gênero”. A violência de gênero é definida por Bandeira (2014, p. 451) “.. as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais e, portanto, interpessoais, que têm cenários sociais e históricos não uniformes”. Assim, deixa-se de compreender as violências como aquelas restritas ao âmbito privado-particular e abarca o campo público e político.

da psicóloga belga Vinciane Despret. Desse modo, o objetivo deste trabalho é expor o conceito de narrativa para Despret e compreender como o memorial do LESFEM pode ser uma forma de narrar a vida das mulheres vítimas de feminicídio.

A psicóloga belga em seu livro intitulado “Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam” (2023) nos apresenta uma série de histórias, coletadas por ela ao longo de sua pesquisa, sobre as relações, ou laços, que os vivos mantêm com seus mortos. Essas histórias contemplam características específicas, descritas por Despret ao longo de seus estudos, como: a existência dos mortos; a “mais existência”, ou “suplemento biográfico”, que nós vivos ofertamos aos mortos e a necessidade de um meio para que a relação entre os vivos e os mortos aconteçam.

Ao escrever essas histórias, que contam a maneira de manter a relação entre os vivos e os mortos, é criado um modo particular de escrita, nomeado por nós de narrativas (*récit* - em francês).

Nossa compreensão é de que o memorial do LESFEM, ao contar a história das mulheres vítimas de feminicídio, possui um tipo de escrita que se assemelha às características da escrita das histórias contadas por Despret. Sendo assim, o memorial pode ser uma forma de narrar a vida das mulheres mortas que oferece um “suplemento biográfico” à elas.

2. Metodologia

Essa pesquisa assume uma perspectiva qualitativa, apoiada na estratégia bibliográfica e documental, tendo como inspiração o método cartográfico. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os estudos de Vinciane Despret em relação às noções de “narrativa” e “suplemento biográfico” e foi realizado um estudo documental sobre os memoriais produzidos pelo LESFEM, sendo estes entendidos enquanto documentos históricos.

A metodologia cartográfica nos informa que toda pesquisa cartográfica é intervenção, pois inexiste uma separabilidade entre conhecer e fazer; e pesquisar e intervir. Compreende-se que o papel da pesquisadora é de promover uma atuação transformadora, tanto na produção de novos sentidos sobre a temática, quanto na sua própria formação enquanto pesquisadora, pois inexiste uma separação entre o

objeto da pesquisa e a pesquisadora (Aguiar; Rocha, 2003, Passos; Barros, 2015). Além disso, a cartografia propõe um “acompanhamento de processos”, que é entendido por Barros e Kastrup (2009) pela aproximação e investigação de acontecimentos em cursos, os quais estão circunscritos em um “campo coletivo de forças” (formado por partes heterogêneas como instituições, afetos, seres humanos, natureza, seres não humanos, objetos, etc).

Nosso trabalho teve como proposta acompanhar as discussões propostas por Vinciane Despret e os memoriais do LESFEM. Sendo assim, primeiro apresentaremos a noção de “narrativa”, em seguida os memoriais do LESFEM e finalizaremos o trabalho relacionando o modo de escrita proposto pelo memorial com as discussões de Vinciane Despret.

3. Desenvolvimento

A psicóloga belga está interessada em estudar as relações que os vivos mantêm com seus mortos. Ao longo da coleta dos relatos de diversas histórias que as pessoas lhe contaram sobre o que elas fazem a partir de um acontecimento mobilizador, que é a perda de um ente querido, Despret (2023) percebeu algo em comum entre essas histórias: os vivos continuam agindo com e para os mortos. Por exemplo, ao escrever uma carta para o morto, ao cozinhar seu prato preferido, ao receber um conselho dele por meio do sonho, ao continuar calçando seu sapato, ao concluir um projeto inacabado por ele ou escrever um livro para ele; são ações que demonstram o laço existente entre quem ficou e quem se foi (Azevedo, no prelo).

A primeira característica da relação entre os vivos e os mortos, que se refere também a uma condição dos mortos, é o fato deles continuarem existindo. Despret (2023) não está interessada em definir o modo de existência dos mortos, mas em compreender como os vivos são mobilizados pelos mortos a agirem. A psicóloga nos convida a refletir sobre como o não saber de que modo os mortos existem, faz com que nós vivos sustentemos o que ela chama de enigma - o não saber. “São enigmas, isto é, começos de histórias que colocam aqueles que o enigma convoca para trabalhar de um modo muito particular: o que fazemos com isto? A que tipo de provas

somos chamados e que regime de vitalidade tornará possível ser capturado por elas?” (Despret, 2023, p. 27).

Esses enigmas, quando aceitos por nós vivos, nos colocam em uma posição de aceitarmos ser instruídos, que pode ser compreendido como a mobilização que cada acontecimento nos oferece, transformando as perguntas em enigmas: o que aquele/a morto/a espera de mim?

Essa pergunta faz com que os vivos se coloquem em movimento, a partir da morte de alguém quem fica é colocado a pensar e a agir, a fazer algo a partir desse acontecimento. Portanto, para que a relação entre os vivos e os mortos aconteça é necessário que os vivos acolham esse enigma, de não saber como aquele/a morto/a existe e a fazer algo pelo morto, deixando-se ser instruído pelo/a morto/a (Despret, 2023).

Esse processo de construção de ações constrói uma teia de histórias, denominada por Despret (2023) de matriz narrativa.

Fazer de uma história uma matriz narrativa. Uma máquina de fazer histórias pouco a pouco, uma matriz de histórias que se fabricam no começo das anteriores e que, assim, conectam-se umas com as outras, não seguindo um fio, mas de maneira a forma uma teia - é o que poderíamos chamar de escrever em três dimensões; pouco importa que ponto da trama pode dar origem a uma nova direção narrativa. Cada malha criada vai levar até a seguinte, ou a uma outra, de acordo com a consciência dos temas (Despret, 2023, p. 28).

Compreendemos que os mortos levam os vivos a construírem histórias, também denominadas por nós de narrativas, que possuem como característica própria a multiplicação e o fato de colocarem os vivos em constante movimento. Essa relação expressa o modo particular de existência dos mortos⁶: não será o vivo que foi, tampouco é inativo, mudo ou passivo (Despret, 2023).

A segunda característica da relação entre os vivos e os mortos é a “mais existência”, ou o suplemento biográfico, que nós vivos oferecemos aos mortos. Durante o processo de realização das ações, os mortos acompanham os vivos, assim,

⁶ Despret (2023) apresenta uma contraposição a teoria psicanalítica, teoria vigente e a mais aceita para explicar o trabalho do luto e a existência dos mortos. De acordo com essa teoria, os mortos só existem no psiquismo dos vivos, tendo a memória como o único local possível para eles. Assim, o trabalho do luto diz que devemos “seguir nossas vidas”, elaborando nosso luto e oferecendo aos mortos uma posição inativa, passiva e de existência restrita ao nosso psiquismo (Azevedo; Sanches, 2024).

os que se foram continuam a “ganhar” existência, eles continuam presentes e são partes dessas ações. Para Despret (2023, p. 15) suplemento biográfico ou “‘mais existência’, em outros termos, é uma promoção da existência do morto, ela não será a do vivo que ele foi, terá outras qualidades, nem a do morto mudo e inativo, totalmente ausente que ele poderá se tornar por falta de cuidados ou de atenção”.

Por exemplo, ao cozinhar o prato preferido de um ente querido que se foi, o morto está presente nessa ação, ele influencia o vivo a fazer algo, portanto, ele existe, de um modo diferente, mas, continua a “ganhar” biografia, a medida que nós cozinhamos algo com e por ele.

A terceira característica do laço com os mortos é a necessidade da existência de um meio, ou dispositivo, que pode ser físico ou não, para que a relação possa ser cultivada. Alguns exemplos desse meio são a comida, a carta, o livro, o calçado, o projeto ou a narrativa. Nesse sentido, entendemos que a escrita dos memoriais, que seguem este modo de narrar a história a partir dos afetos da relação vivida com as mulheres mortas, é um dispositivo de conservar a presença e a importância delas para quem fica.

O memorial de vítimas de feminicídio do Paraná do LESFEM publica de maneira online⁷ textos escritos que relatam as histórias das mulheres paranaenses vítimas de feminicídio. Até a produção dessa pesquisa, identificamos três publicações do memorial referentes aos anos de 2022, 2023 e 2024, sendo esse último ainda não finalizado. Essas produções possuem formatos distintos, os memoriais de 2023 e 2024 apresentam textos corridos e o memorial de 2022 apresenta as histórias em formato de linha do tempo e com o uso de fotos.

Apresentaremos um trecho de cada um dos três memoriais do LESFEM, sendo que o critério de seleção para apresentação do trecho foi o texto que mais apresenta informações sobre a mulher vítima de feminicídio.

⁷ Os memoriais são de domínio público e podem ser acessados no link: <https://sites.uel.br/lesfem/memorial-de-vitimas-de-feminicidio-no-parana/>.

Trecho do memorial de 2022:

Figura 1: memorial de Simone de Jesus



LESFEM, 2022

Trecho do memorial de 2023:

★ †

Edilene Souza de Oliveira, 28 anos, 14 de fevereiro – Jaguariaíva/PR
Você faz falta!

Em 14 de fevereiro de 2023, uma terça-feira, um futuro cheio de possibilidades foi roubado e Edilene Souza de Oliveira, uma mulher negra de apenas 28 anos, teve sua vida interrompida. Existem dois suspeitos de participação no feminicídio e um deles responde por outros dois homicídios em datas anteriores. O feminicídio ocorreu em Jaguariaíva, no Paraná. Edilene fazia publicações nas redes sociais identificando-se com o movimento LGBTQIA+. Ela deixou três filhos, com idades entre 4 e 10 anos. A perda de Edilene não é um número nas estatísticas. Era uma vida. Edilene, não esquecida, sempre valorizada.

★ † (LESFEM, 2023).

Trecho do memorial de 2024:

★ †

Merin Izabel Ribeiro Padilha, 06 de janeiro de 2024 – Ivaí/PR
Você faz falta!

Merin teve sua vida cruelmente interrompida naquele sábado de janeiro de 2024. O feminicídio que a tirou de nós tem como principal suspeito seu próprio marido. Ele possuía armas de caça, não legalizadas, que foram utilizadas como instrumento para a execução do terrível ato. Seu relacionamento teve início quando Merin era ainda uma jovem de 14 anos, e dessa união nasceu uma filha. Aos 24 anos de idade, ela foi vítima de uma violência inaceitável, perpetrada por alguém em quem deveria confiar. Ela era uma mulher amada, cheia de vida e sonhos, cuja ausência é profundamente sentida por aqueles que a conheciam e a amavam. Merin, não esquecida, sempre valorizada.

★ † (LESFEM, 2024b).

Ao estudarmos os memoriais identificamos algumas características comuns entre eles, como a escrita de informações sobre aquelas mulheres: nome, idade, cidade onde residia. Além disso, a maior parte dos textos continham informações sobre seus familiares e amigos/as, sobre sua atividade profissional e sobre seus gostos. Ademais, todos os memoriais nomeiam e reconhecem a violência: o que aconteceu foi um feminicídio, além de alguns possuírem informações sobre o nome do feminicida e sua condenação. O memorial de 2022 ainda apresenta, em sua maior parte, uma foto da mulher.

A escolha pela escrita dessas informações é feita de uma forma ética, cuidadosa e atenta. Os textos são escritos com base nas notícias jornalísticas que contam aquele feminicídio, havendo uma preocupação em coletar o maior número de informações possíveis, e com a intenção de contar a história de vida daquelas mulheres, pois elas não são apenas mais um número, e com o intuito de reconhecer, nomear e enfrentar o feminicídio.

Como afirma a descrição do memorial:

Não podemos esquecer que por trás de cada número, há uma vida perdida, uma história interrompida simplesmente por ser mulher. É imperativo que reconheçamos e enfrentemos essa realidade, pois só assim poderemos trabalhar para erradicar a violência de gênero e honrar a memória de todas as mulheres cujas vidas foram violentamente ceifadas. Em memória das vítimas, em defesa das vivas⁸.

No memorial de Simone existem informações sobre seu nome, sua idade, a cidade que morava, sobre ela ser mãe e a idade de suas duas filhas, o nome de seu feminicida, que era seu ex-marido, e sua condenação, além de haver uma foto de Simone.

O memorial de Edilene contempla informações sobre seu nome, sua idade, sua raça, cidade que residia. Além disso, apresenta seu ativismo e performance de gênero em relação ao movimento LGBTQIA+; destaca que ela era mãe de três filhos e indica que existem dois feminicidas suspeitos.

⁸ Para mais, ver em “Memorial”. LESFEM. <https://sites.uel.br/lesfem/memorial-de-vitimas-de-feminicidio-no-parana/>.

No trecho do memorial de Merin existem informações sobre seu nome, sua idade, cidade de residência, sobre ela ser mãe e sobre seu feminicida, seu marido e pai de sua filha.

Ao lermos essas informações sobre essas mulheres, nos aproximamos delas. Conhecemos assim essas mulheres, que possuíam uma idade, que eram mães, que moravam em determinadas cidades. Edilene se identificava com o movimento LGBTQIA+, Merin era uma jovem de vinte e quatro anos de idade e Merin começou a namorar seu marido aos quatorze anos de idade. Além disso, existe um cuidado em reconhecer e nomear essa violência: essas mulheres foram vítimas de feminicídio.

Ao retornarmos às discussões propostas por Vinciane Despret, refletimos que essa preocupação com o que e de que modo será escrito o modo de vida das mulheres vítimas de feminicídio apresenta uma das mobilizações feitas pelos vivos. Ao se depararem com um acontecimento mobilizador, um feminicídio tentado ou consumado, os vivos encontram, através da realização do memorial, formas de agir. Essas ações dos que ficam perpassam a busca por informações para escrever o texto, a garantia de que essas mulheres não sejam esquecidas e o enfrentamento a qualquer violência de gênero, garantindo também a vida das mulheres vivas.

Essas ações realizadas pelos que ficam podem ser compreendidas como a relação existente entre as mulheres mortas e os vivos - participantes do memorial, amigos/as, familiares e conhecidos/as da vítima. Essas pessoas se sentem mobilizadas a “fazerem algo”, aceitam o enigma de não saber o que essas mulheres esperam delas, e escrevem textos que relatam a vida dessas mulheres, garantindo que não sejam esquecidas e combatendo qualquer tipo de violência de gênero. Para escrever um texto do memorial, a vida dos que ficam é modificada, suas urgências, suas rotinas, seus afazeres e suas relações são alteradas.

Durante esse processo de garantia de não esquecimento das mulheres vítimas de feminicídio, os vivos estão também fornecendo suplemento biográfico a essas mulheres. Os/as participantes do memorial ao escreverem sobre a vida de Simone, Edilene e Merin estão fornecendo uma continuidade de existência a essas mulheres; suas vidas também continuam sendo contadas e lembradas por seus/as familiares e amigos/as.

Quanto mais informações sobre o modo de vida e sobre quem foi aquela mulher estão presentes no memorial, mais é gerada uma aproximação com aquela mulher, fornecendo mais acréscimo de biografia à ela. Além de que a experiência de quem lê o texto também é modificada à medida que se tem informações amplas sobre aquela mulher. Por exemplo, ao dizer que Edilene era uma mulher negra e que se identifica com o movimento LGBTQIA+, sabemos mais sobre quem era essa mulher e da importância de não universalizar a categoria performática “mulher”⁹ e tampouco a categoria feminicídio.

Além disso, qualquer pessoa pode acessar o memorial e conhecer essas mulheres, engendrando uma teia de histórias que ampliam as informações sobre essas mulheres e as levam para diversos locais. O ato de escrever sobre uma vítima pode inspirar outras ações ou reflexões, por exemplo criando outras narrativas sobre as mulheres ou levando os vivos a realizarem outras ações.

Desse modo, percebemos que no memorial, essas mulheres continuam existindo. Os/as participantes do memorial se sentem responsáveis por garantir que elas não sejam esquecidas, suas existências não estão restrita ao psiquismo dos vivos, tampouco essas mulheres mortas possuem uma posição inativa e passiva, elas continuam sendo promotoras de ações que combatam as violências de gênero.

Por fim, consideramos que o memorial pode ser entendido enquanto o meio, ou dispositivo, que favorece a existência da relação entre as mulheres mortas e os vivos. A partir da escrita desse texto, as mulheres são lembradas, ganham suplemento de biografia e fazem com que os ficam sejam levados a “fazerem algo”.

4. Considerações finais

O modo de escrita proposto pelo memorial do LESFEM possui características semelhantes com o modo de escrita do récit (narrativa) proposto por Vinciane Despret. Assim, nossa compreensão é de que o memorial é uma forma de narrar a

⁹ Butler (2018) nos apresenta a discussão sobre a categoria “gênero” afirmando que inexiste uma categoria identitária e universal de “mulher”, sendo necessário situar dentro de um campo heterogêneo de feminismos e mulheres, qual mulher está sendo referenciada em determinado contexto.

vida das mulheres mortas, oferecendo suplemento de biografia à elas e fortalecendo o laço existente entre os vivos e os mortos.

O memorial ao narrar a vida das mulheres vítimas de feminicídio, combate às violências de gênero, por meio do reconhecimento do feminicídio e do que é dito dessas mulheres, e defende as mulheres vivas, por meio da abordagem do tema e do modo de enfrentamento ao feminicídio proposto.

Também compreendemos que a produção do memorial vai ao encontro da proposta cartográfica de pesquisa-intervenção, ao escrever um texto sobre uma mulher vítima de feminicídio, os/as participantes do memorial estão realizando uma intervenção no contexto dessa violência.

5. Referências

- AGUIAR, K.; ROCHA, M. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XdM8zW9X3HqHpS8ZwBVxpYN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- AZEVEDO, A. B. As narrativas que aproximam os vivos de seus mortos: contribuições de Vinciane Despret. In: FERRAZ, A. S.; CARRER, C. F.; FORNAZZARI, S. (orgs.). *Variações em filosofia da diferença*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2025. No prelo.
- AZEVEDO, A. B.; SANCHES, A. As manobras dos mortos: deslocamentos epistemológicos a partir de Vinciane Despret. In: FREITAS, Flavio Luiz de Castro (org.). *Algumas intercessões epistemológicas e metodológicas entre as Ciências Humanas e os Saberes Psis*. São Luís: Edufma, 2024.
- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). *Pistas para o método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75. Disponível em: <https://desarquivo.org/sites/default/files/virginia-kastrup-liliana-da-escossia-eduardo-passos-pistas-para-o-metodo-da-cartografia.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-

[g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf](#). Acesso em: 10 ago. 2025.

DESPRET, V. *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: N-1 edições, 2023.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. Antropología, feminismo y política: violencia feminicida y derechos humanos de las mujeres. In: BULLEN, Margaret Louise; DíEZ MINTEGUI, María Carmen (coords.). *Retos teóricos y nuevas prácticas*. San Sebastián: Ankulegi, 2008. p. 209-239.

LESFEM – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE FEMINICÍDIO. *Memorial de vítimas de feminicídio no Paraná – 2022*. Londrina: LESFEM – UEL, 2022. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/memorial-de-vitimas-de-feminicidio-no-parana-2022/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LESFEM – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE FEMINICÍDIO. *Memorial de vítimas de feminicídio no Paraná – 2023*. Londrina: LESFEM – UEL, 2023. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/memorial-de-vitimas-de-feminicidio-no-parana-2023/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LESFEM – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE FEMINICÍDIO. *Memorial de vítimas de feminicídio no Paraná – 2024*. Londrina: LESFEM – UEL, 2024b. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/memorial-de-vitimas-de-feminicidio-no-parana-2024/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LESFEM – LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE FEMINICÍDIO. *Monitor de feminicídios no Brasil*. Londrina: LESFEM – UEL, 2024a. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/monitor-brasil/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6828599/mod_resource/content/3/Pistas%20do%20metodo%20da%20cartografia%201_Livro.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.